



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
FORMA-PARÁ SÃO JOÃO DE PIRABAS

KATIANE DE CARVALHO FERREIRA

“A CASA DA MINHA MÃE ERA QUE UM HOSPITAL”: Maria Pajé e seu dom de cura em
São João de Pirabas.

SÃO JOÃO DE PIRABAS
2023

KATIANE DE CARVALHO FERREIRA

“A CASA DA MINHA MÃE ERA QUE NEM UM HOSPITAL”: Maria Pajé e Seu dom
de cura em São João de Pirabas.

Artigo de Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de História do Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do título de Licenciada plena em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Maria Alves Linhares

SÃO JOÃO DE PIRABAS

2023

KATIANE DE CARVALHO FERREIRA

“A CASA DA MINHA MÃE ERA QUE NEM UM HOSPITAL”: Maria Pajé e Seu dom de cura em São João de Pirabas.

Artigo de Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de História do Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do título de Licenciada plena em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Maria Alves Linhares

Data da aprovação: 18 de dezembro de 2023.

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Maria Alves Linhares
UFPA/Campus Ananindeua

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos
Examinador interno: UFPA/Campus Ananindeua

Nome completo do(a) examinador(a) precedido de titulação
Instituição a que pertence

RESUMO

O presente artigo tem como foco analisar e destacar as mobilizações sociais e culturais de Flaviana Serrão da Silva (1929 – 2003), conhecida popularmente como Maria Pajé, no que concerne sua atuação nos trabalhos da pajelança, parteira, organização do festejo de São Benedito, Marujada e sua colaboração geral no que tange à cultura local de São João de Pirabas. Desta forma, serão apresentadas as discussões referentes à memória, história oral, pajelança e marujada que darão sustentabilidade e rigor científico para o desenvolvimento e a produção do artigo. Neste caso, trabalhar com ideia de memória que consiste em lembranças adquiridas a partir das vivências individuais e coletivas, ora esquecidas, ora lembradas. Em relação à pajelança, trata-se de uma das práticas que Maria Pajé executava na cidade ao longo de sua vida para dar assistência, por exemplo, no que se refere à saúde, espiritualidade e outras benfeitorias para todo aquele que a procurava. No que diz respeito à metodologia, fora feita pesquisa bibliográfica de acordo com o tema exposto, o uso da história oral a partir das entrevistas e conversas informais realizadas para a composição desta pesquisa. Ademais, este estudo se dá com a finalidade de visibilizar a memória desta mulher que fora imprescindível para a cidade de São João de Pirabas, além disso, o registro desta se torna relevante para o conhecimento e reconhecimento dessa figura tão influente neste município.

Palavras-Chave: Maria Pajé; pajelança; marujada e São João de Pirabas.

ABSTRACT

This article focuses on analyzing and highlighting the social and cultural mobilizations of Flaviana Serrão da Silva (1929 – 2003), popularly known as Maria Pajé, regarding her role in the work of pajelança, midwife, organization of the celebration of São Benedito, Marujada and his general collaboration regarding the local culture of São João de Pirabas. In this way, discussions regarding memory, oral history, pajelança and marujada will be presented, which will provide sustainability and scientific rigor for the development and production of the article. In this case, working with the idea of memory that consists of memories acquired from individual and collective experiences, sometimes forgotten, sometimes remembered. In relation to shamanism, it is one of the practices that Maria Pajé carried out in the city throughout her life to provide assistance, for example, with regard to health, spirituality and other benefits to everyone who sought her out. With regard to methodology, bibliographical

research was carried out in accordance with the exposed theme, the use of oral history based on interviews and informal conversations carried out to compose this research. Furthermore, this study aims to make visible the memory of this woman who was essential for the city of São João de Pirabas, in addition, her record becomes relevant for the knowledge and recognition of this influential figure in this municipality.

Keywords: Maria Pajé; pajelança; marujada and São João de Pirabas.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo a historiografia foi escrita e protagonizada pela história dos grandes homens, dos seus feitos, dos eventos políticos, suscitando a invisibilização e exclusão de outros sujeitos no campo historiográfico, como por exemplo, a história das mulheres, como salienta Michelle Perrot (2005, p. 197): “Da História, a mulher é diversas vezes excluída”. A partir disso, este trabalho se volta para a historiografia da mulher que ao longo do tempo fora ocultada e depois de muita luta vem ganhando visibilidade no âmbito político, econômico, acadêmico, social e demais espaços. Neste caso, em especial, esta pesquisa busca evidenciar a atuação de Flaviana Serrão da Silva (1929 – 2003), conhecida popularmente como **Maria Pajé**, que protagonizou e impulsionou o cenário cultural de São João de Pirabas em seu tempo de vida como também em trabalhos relacionados à pajelança e outras benfeitorias.

Maria Pajé fora uma mulher que dera visibilidade e que contribuía de forma significativa para a cultura local de São João de Pirabas ao longo de sua vida. Com isso, faz-se necessário enfatizar seu protagonismo como mulher, mãe, parteira, organizadora da festividade de São Benedito e da Marujada, entre outras atribuições. É indispensável destacar, neste artigo, sua importância como uma mulher incentivadora e inspiradora para a história pirabense.

Dessa forma, para a elaboração deste trabalho se fez necessário o uso da história oral, que se deu através de entrevistas, que foram realizadas com pessoas da família de Maria Pajé e uma amiga que fizera parte de seu convívio. Por conseguinte, a história oral é fundamental para a coleta de informações, como uma prática de pesquisa de escuta e de catalogar as narrativas dos sujeitos. Logo, Raphael Samuel (1989, p. 237) enfatiza que “A evidência oral é importante não apenas como uma fonte de informação, mas também pelo que faz o historiador, que entra no campo como um fiscal invisível e pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita [...]”.

Por sua vez, ao registrar os relatos das pessoas entrevistadas, percebe-se que as mesmas irão recorrer às lembranças e memórias de um determinado tempo vivenciado. Segundo Pierre Nora (1993, p. 09), “A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, e neste sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...]”. Corroborando com esta afirmação, Le Goff (1990, p. 438) ressalta que a memória “é o antídoto do esquecimento”, assim, haverá um trabalho de recordação, de rememoração daquilo que fora vivido. Neste caso, o uso de entrevistas será fundamental, já que não se tem registros escritos, até então, nos arquivos do município.

A partir do envolvimento e participação em tantos acontecimentos vivenciados pela mesma neste município, é possível identificar, ressaltar e narrar o protagonismo feminino desta. Desse modo, dar visibilidade para uma mulher que, segundo alguns relatos, ajudou e cuidou de tanta gente nos mais diversos aspectos, numa cidade em que se tem a figura do homem como protagonista atrelado ao aspecto político, é mostrar que a história da cidade é construída por diversos sujeitos que residem nela como crianças, mulheres, pescadores, marisqueiras, dentre outras personalidades, onde todos esses agentes são protagonistas desta história.

No que se refere ao cuidado, a figura da mulher se apresenta como personagem principal quando se trata da realização deste trabalho, como destaca as autoras Endl, Girardi e Moura (2021, p. 2) “[...] a ética do cuidado trata de um princípio positivo que é imposto às mulheres e naturalizado, tornando-as assim responsáveis pela família, casamento e reprodução da espécie por meio da colonização dos afetos”. Diante disto, as funções em torno do ato de cuidar foram condicionadas ao papel da mulher na sociedade. As autoras discorrem que “Enquanto os homens são legitimados como homens independentes de serem pais, as mulheres se dedicam aos cuidados dos outros, como se fossem habilidades naturais” (2021, p. 3). Portanto, a proposta deste artigo tem como objetivo analisar os trabalhos de Maria Pajé e salientar as suas contribuições para a sociedade local, afinal é importante apresentar sua história de vida para que mais mulheres sejam visibilizadas na história.

Nessa perspectiva, analisar a trajetória de vida de uma mulher simples opõe-se a uma história tradicional positivista que é majoritariamente masculina, tendo em vista que fora por muito tempo narrada e escrita por seus grandes feitos. Contudo, nota-se que houvera mudanças sobre a escrita historiográfica envolvendo novos sujeitos e novas abordagens a partir da História Nova com o surgimento da Escola dos Annales (Funari; Silva, 2008). Os autores salientam que a “História Nova” se apresenta com novos problemas, novos sujeitos enfatizando a história das mulheres, das minorias, do cotidiano, da cultura resultando em uma nova forma de abordar, registrar e contar a história.

Por conseguinte, este trabalho tem a intenção de contribuir fazendo com que essa narrativa atinja os leitores da população local e outros públicos, como também, para que seja uma fonte documental para futuras pesquisas. Assim, para que a população tenha acesso à história de uma mulher que vivenciou e contribuiu para a construção da história de São João de Pirabas e, que, dessa forma, mais mulheres sejam visibilizadas e reconhecidas como protagonistas da história, fazendo com que os leitores percebam que a história pode ser escrita e feita por todos os sujeitos históricos, onde todos e todas desempenham uma função social

significativa que possibilita engendrar uma sociedade plural, uma vez que nos tempos atuais percebe-se que muitos nem fazem ideia de quem foi Maria Pajé. Logo, o registro desta pesquisa é primordial para o conhecimento e reconhecimento dessa figura marcante e influente na cultura pirabense em seu tempo de vida e que com o passar do tempo caiu no esquecimento ou como no caso da nova geração, que desconhece a importância de Maria Pajé.

MARIA PAJÉ E SUAS ATRIBUIÇÕES COMO PARTEIRA, BENZEDEIRA E CURADEIRA

A partir das entrevistas¹ realizadas para a construção deste artigo, Flaviana Serrão da Silva, se fixara na cidade de São João de Pirabas, na década de 1970, não se sabe a data exata, pois as pessoas entrevistadas não se recordam. Maria Pajé era natural de Igarapé Miri, porém antes de vir para São João de Pirabas residira na cidade de Belém, e veio pela primeira vez visitar São João de Pirabas depois de um convite que lhe foi feito, como narra sua filha Nazaré²: “nós não somos daqui. Aí ela veio convidada por uma vizinha nossa, pra cá, pra conhecer São João de Pirabas”. Enquanto esteve na cidade ouvira falar sobre a Marujada de São Benedito, e segundo dona Nazaré, esse foi o principal motivo que fizera sua mãe se mudar para esta cidade, pois a mesma desde criança sonhava com as vestimentas das marujas, e segundo ela, não sabia o significado deste sonho, como relata:

Então, quando ela tava esses tempos, acho que uma semana, ela viu dizer em Marujada, São Benedito, aí ela foi olhar. Então, quando ela chegou e viu, né, aquela blusa branca e saia vermelha... aí que ela foi saber o que aquele sonho significava, aí que ela, porque o sonho dela era um dia participar dessa dança. Aí ela começou a saber que era a Marujada de São Benedito. Quando ela foi embora pra Belém, ela ficou doida pra vir embora pra Pirabas. Aí ela falou que queria vir pra Pirabas porque aonde o sonho dela tinha da dança, onde ela queria participar era em Pirabas, isso foi como ela chegou em São João de Pirabas.

Em São João de Pirabas, ficara logo conhecida por realizar trabalhos referentes à pajelança, sua atuação como parteira e pela sua dedicação a marujada e a festividade de São Benedito. Nessa perspectiva, vale salientar que Maria Pajé fora imprescindível no que se refere à saúde pública deste município no contexto dessa época, pois a mesma, segundo Luís

¹ Todas as pessoas entrevistadas assinaram um termo de consentimento e autorizaram a divulgação das informações presentes neste artigo.

² Entrevista concedida com Nazaré Serrão, 20/02/2023.

Serrão³, seu neto, era curandeira, benzedeira, “fazia trabalhos com as pessoas e trabalhava como parteira” e outras benfeitoras através do seu dom, a pajelança. No que concerne sobre a pajelança, Mayra Cristina Silva Faro (2012, p. 02) destaca: “Podemos atribuir como característica geral da pajelança um conjunto de práticas e crenças xamanísticas que tem em suas expressões culturais diversos elementos da religiosidade indígena, africana e católica, mesclado em graus variáveis”.

Para o autor Raymundo Heraldo Maués (1994, p. 73):

Entre as várias medicinas populares no Brasil, estudamos especialmente a chamada “pajelança cabocla”, muito popular sobretudo na Amazônia rural, composta por um conjunto de práticas xamanísticas, com origem em crenças e costumes dos antigos índios Tupinambás, sincretizados pelo contato com branco e o negro, desde pelo menos a segunda metade do século XVIII.

Ainda em relação à pajelança, a autora Patrícia Carvalho Cavalcante (2008, p. 40), em sua dissertação de mestrado, ratifica que:

Na Amazônia o xamanismo recebe a denominação de pajelança cabocla, uma vez que a pajelança indígena está em constante processo de mudança desde o processo de ocupação das terras pelo europeu e posterior ao contato com os grupos de origem africana, resultando em uma grande mistura que ajudou definir a forma das atuais práticas religiosas do Brasil.

Segundo Maués (1994, p. 76), “[...] a pajelança cabocla surge como uma das mais várias medicinas populares na Amazônia, desde que o pajé não é o único especialista local no tratamento de doenças. Além dele, existem o ‘experiente’, a parteira, o benzedor (a) [...]”. Nessa conjuntura, é notório que Maria Pajé abrangia todos esses aspectos, não só como curandeira, mas também benzedeira e parteira. A partir disso, sabe-se que Maria Pajé ajudara muitas pessoas com seu dom; como discorre sua amiga Dona Roseli Lago⁴:

Eu conheci ela, através do meu esposo, ela cuidava muito das pessoas. Tivemos uma relação boa, a gente ia na casa dela, ele ia mais porque participava de alguns rituais. Ela era uma pessoa muito devota de São Benedito, todas as pessoas que iam pra ela curar, ela conseguia sair curada, porque ela fazia promessa com São Benedito.

Dona Roseli adiciona ainda, que quando ela não conseguia concluir algum trabalho, enquanto si (a pessoa de Maria Pajé), a mesma recorria às entidades para ajuda-la no trabalho de cura, como fora dito na entrevista, por este motivo o (a) enfermo (a) saia sempre curada.

³ Entrevista realizada com Luís Serrão, 16/05/2023.

⁴ Entrevista concedida com Roseli Lago, 13/04/2023.

Neste sentido, Cavalcante (2008, p. 77) reitera que “Os trabalhos dos curadores são realizados através das incorporações ou transe, o médium passa a ser uma ave ou cavalo para as entidades. Os encantados, nas sessões, são identificados por expressões fisionômicas e pela doutrina cantada nos trabalhos.”.

Corroborando com esta afirmação, Maués (1994, p. 73) ressalta que “A pajelança cabocla se fundamenta na crença nos “encantados”, seres invisíveis que se apresentam durante rituais incorporados no “pajé” (um xamã), que é a figura central da sessão de cura”. Ainda neste sentido, as autoras Maria Angélica Motta-Maués e Gisela Macambira Villacorta (2000, p. 08) apontam que:

Na pajelança, destaca-se como elemento chave a figura do “pajé” ou “curador”, exatamente o elo de ligação entre as pessoas e o sobrenatural- “o mundo do encanto”- através do contato que ele pode manter com as entidades dessa ordem, os “caruanas”** e os espíritos, além das forças mágicas que é capaz de manipular.

Maria Pajé usava seus dons para ajudar seu próximo e fazia de sua casa um ambiente para cuidar das pessoas, como descreve sua filha Nazaré “a casa da minha mãe era que nem um hospital”, com isso dona Roseli acrescenta: “ela cuidou de muita gente. Eu conheci ela quando ela tinha uma casa de muitos quartos, acho que tinha 8 quartos, então lá, cada doente tinha um quartinho, uma rede, que ela cuidava de todas aquelas as pessoas”. Nesse entendimento, as autoras Motta-Maués e Villacorta (2000, p. 17/18) certificam que “A missão do pajé exige um exercício permanente, que não escolhe hora e nem dia, nem admite recusa, já que a parte fundamental daquela é “curar” os males dos outros”.

O autor Raymundo Heraldo Maués (2005, p. 270) ressalta que entre as mais diversas atribuições que o (a) pajé ou curador (a) possui, está a dedicação à prática da caridade, referindo-se à cura das doenças, “[...]sem procurar fugir de suas ‘obrigações’, sob pena de ser castigado por seus próprios caruanas”. Sob este aspecto Cavalcante (2008, p. 45) declara: “Em relação aos serviços que prestam o pajé não pode cobrar, pois seu poder vem de um dom e de uma obrigação que precisa cumprir [...]”. Assim, percebe-se que esse dom é de fato para ajudar o próximo, por isso que benzedores, curadores e afins, normalmente, não cobram pelo serviço, em alguns casos o paciente deixa apenas uma doação simbólica como forma de gratidão.

Mayra Faro (2012, p. 10) cita em seu texto algumas mulheres curadoras, como por exemplo, o caso de D. Roxita que aprendeu seus saberes com Deus, com os santos e os

encantados. Ela afirma que tudo o que o pajé sabe é um dom de Deus, e que ele sempre lhe orienta. Pontua ainda que,

A pajé explica que pode curar qualquer tipo de doença, quando é para ela, ou seja, quando pode ser tratada com ervas, quando não, ela (entidades) recomenda que a pessoa procure o “bata branca”, como ela denomina o médico. Com o auxílio dos seres que a guiam, ela pode curar tanto doenças de causa espiritual (perturbação de espíritos) como de causa física (“tochedura”, “quebradura”), embora em casos mais urgentes ela aconselhe procurar o médico (Faro, 2012, p. 11).

A partir disso, pode-se observar a forte presença da religiosidade presente nesses trabalhos, pois Maria Pajé, ao efetuar trabalhos de cura com a ajuda de entidades, era considerada praticante do catolicismo. Como bem destaca Maués (2005, p. 269), “Os praticantes da pajelança, inclusive os pajés, identificam-se como católicos”. Como discorrido em uma das entrevistas com o neto de Maria Pajé, Luís Serrão, onde enfatiza que sua avó era católica, pertencia ao Apostolado da Oração, porém, possuía esse dom de cura, como também parteira. Raymundo Maués (1994, p. 75) ratifica ainda que os praticantes da pajelança cabocla, “[...] não se veem como adeptos de uma religião diferente, considerando-se “bons católicos”, inclusive os pajés ou curadores que presidem as sessões xamanísticas”.

Vale sublinhar que essas práticas referentes à pajelança, por muito tempo, foram estereotipadas como atividades demoníacas disseminadas no período da colonização e que perpetua no tempo presente ainda, já que qualquer grupo ou determinada raça fosse contrária ou diferente em relação à cultura europeia era vista como seres inferiores ou selvagens, que precisavam ser civilizados, educados e catequizados conforme sua cultura dominante. Consequentemente, essa visão de superioridade do colonizador europeu sobre os outros povos acabou se fortalecendo e se consolidando na sociedade, tendo como resultado o racismo sobre as diferentes práticas étnicas, culturais e religiosas, por exemplo, de determinado grupo ou povo não europeu. Isto é, tudo que for antagônico as práticas europeias fora vilanizado.

O autor Maués (2005, p. 271) acentua que “[...]a pajelança tem sido combatida pela Igreja Católica na Amazônia desde o período colonial [...]”, onde esses praticantes eram perseguidos e impedidos de exercerem seu dom. “Os jornais do século passado estavam cheios de notícias ridicularizando e condenando os pajés que atuavam na sociedade do período[...]”.

Para corroborar, os autores João Bosco Botelho e Hideraldo Lima da Costa (2006) apontam que os pajés, nesse período de colonização, eram personagens que dificultavam o trabalho do europeu nesse processo de expansão territorial, já que os pajés eram detentores de

poder, como líderes, e detentores de conhecimentos, principalmente no que tange à cura. Com isso, os autores mencionam que “A resposta do elemento colonizador a esses empecilhos pode ser entendida na firme determinação de destruir física e moralmente o pajé” (2006, p. 932). Contudo, a pajelança resiste no interior da Amazônia “[...] como parte integrante da diversidade religiosa do caboclo da região, integrada ao catolicismo e passando por transformações, como processo social dinâmico que tem grande influência na vida das populações rurais desta região” (Maués, 2005, p. 271/272).

A pajelança cabocla ainda é uma prática procurada pelas pessoas no município, porém, cada vez com menos frequência; dessa forma, a enfermeira Karla Silva⁵ afirma que no tempo presente pouco se vê parteiras e benzedeiras na cidade e que é mais comum no interior. Complementa ainda, que chegara à cidade há 16 anos e fora trabalhar na zona rural deste município “eu trabalhava em Santa Luzia, tinha as benzedeiras, parteiras, aquelas que puxavam a barriga para ajeitar o neném. Hoje em dia a gente não vê mais muito isso aqui, mas ainda procuram quem tem acesso as mais antigas”.

Pode-se entender que a baixa procura atualmente por parteiras, curandeiras, benzedeiras e afins, seja pelo acesso que fora facilitado e pelos serviços de saúde que são prestados no município, como expõe a enfermeira: “e como a gente tem acesso mais fácil, a gente acaba deixando de lado essas opções mais tradicionais, até porque hoje em dia tem muito essa cultura da medicalização, antigamente, o pessoal corria pro natural, tomava um chá, um banho”. Complementando esta constatação Grasielle Nespoli e Márcia Cavalcanti Raposo Lopes (2016, p. 153) afirmam,

Decerto, a medicina científica se mantém hegemônica, mas as práticas populares de cuidado ocupam um lugar importante e possuem valor inestimável[...]. Reconhecer os saberes tradicionais e populares é uma forma de retomar a relação do homem com a natureza e com todos os demais aspectos que organizam a vida nos territórios. Os índios têm muito a nos ensinar sobre as plantas medicinais e seus rituais de pajelança. As parteiras muito a nos dizer sobre a experiência do nascimento. Os benzedeiros e raizeiros, sobre rezas e raízes.

Todavia, nesse período dos anos de 1980 e 1990 era bem maior a procura desses trabalhos, uma vez que a cidade não possuía estrutura que pudesse atender a população doente. Concordando com esta afirmação, Mayra Faro (2012, p. 10) cita em seu texto a entrevista de D. Flor que é uma senhora que trabalha com vendas de plantas para fins medicinais,

⁵ Entrevista concedida por Karla Silva, 05/10/2023.

D. Flor defende a importância da cura através das plantas, pois afirma que antes dos médicos e cientistas, eram os curadores e as parteiras responsáveis pela saúde das pessoas. A dificuldade de se locomover a um grande centro como Belém, em busca de tratamento especializado faz com que muitas pessoas procurem o pajé ou curador, em vez do médico.

Neste sentido, pode-se perceber que uma cidade do interior do Estado do Pará, neste período, apresentava ainda mais precariedades, gerando assim, dificuldades maiores no acesso aos serviços de saúde pública, por isso, era mais fácil à população recorrer aos serviços de práticas medicinais locais prestados por pajés, curador (a), benzedoras e até mesmo parteiras. Como aponta Maués (1994, p. 76), todos os elementos em forma de culto e ritual na pajelança são práticas medicinais locais, principalmente nos interiores das cidades, onde os serviços de saúde oferecidos são precários ou inexistentes dentro da tradição da medicina ocidental. Assim, as pessoas mesmo utilizando serviços médicos de fora, sempre recorrem para a medicina local, envolvendo crenças religiosas, conhecimentos da natureza (plantas e animais) etc. Entende-se que a procura desses serviços se dá principalmente pela fé, pois este pajé, curador (a), benzedor (a), entre outros, possui um contato direto com seres sobrenaturais; ou quando a medicina não constata um diagnóstico do seu problema, são estas pessoas que se encarregam de apresentar um resultado e conseqüentemente a cura para tal problema, seja no aspecto físico ou espiritual.

MARIA PAJÉ E SUA ATUAÇÃO NA AREA DA SAÚDE E NÃO APENAS: como passou a ser vista como essencial para as curas da cidade e outras coisas...

Na sessão inicial, apresentou-se como Maria Pajé chegou ao município e como iniciou seus trabalhos, porém, com o tempo, ela se tornou ainda mais procurada e acabou se tornando uma referência no “dom de curar”, além de ser procurada para outras realizações que ultrapassavam a cura física. Maria Pajé realizava trabalhos, não só, referente à cura física e espiritual, esta última bem procurada por comerciantes locais que queriam prosperar nos seus empreendimentos comerciais, como também, era consideravelmente requisitada no aspecto político local, onde políticos a procuravam para ganhar alguma ajuda ou orientação espiritual e se beneficiar em campanhas eleitorais, bem como a realização do seu trabalho importante como parteira. Neste aspecto, pode-se observar que a população utilizava destes trabalhos exercidos por Maria Pajé das mais diversas formas de acordo com suas necessidades.

As autoras Maria Waldenez de Oliveira e Jéssica Valério Moraes (2010, p. 416) certificam que “O uso de práticas complementares e populares de saúde é muito comum entre

as famílias brasileiras, sendo que a cultura popular se expande tradicionalmente nos estratos mais pobres da sociedade”. Diante disto, muitas pessoas procuravam Maria Pajé no período em que viveu nesta cidade justamente por não possuir infraestrutura adequada para atender a demanda da população, em consequência disso, fizera de sua residência um ambiente para receber a comunidade em geral com a finalidade de executar os mais diversos trabalhos de cura, banhos, benzedeira, parteira entre outros.

No que se refere ao trabalho de parteira, este era muito procurado pelas mulheres da cidade, bem como de outros lugares. Maria Pajé realizara muitos partos e segundo sua filha Nazaré, a mesma também ajudara muitas mulheres a criar seus filhos, uma vez que estas não tinham condição de criá-los adequadamente. Sendo assim, indubitavelmente, Maria pajé era uma figura bastante conhecida, uma vez que atendia de um modo geral todos os públicos da cidade de São João de Pirabas, desde a cura, ao nascimento de pessoas ou a prosperidade em empreendimentos.

Especificamente sobre saúde de mulheres, nota-se o quanto Maria Pajé era significativa, pois muitas mulheres não tinham apoio da rede do poder público de saúde do município e tão pouco dos seus cônjuges, uma vez que, como fora dito acima, muitas mulheres a procuravam para receber os cuidados durante a gestação e no pós-parto. Cabendo assim, o papel para uma mulher pajé cuidar de outras mulheres, já que o serviço de saúde não proporcionava atendimento adequado por falta de infraestrutura e tampouco os homens exercessem o papel de auxiliar essas mulheres.

Para Rosiran Carvalho de Freitas Montenegro (2018, p. 2) “Quando se fala em cuidado, a figura da mulher continua sendo “naturalmente” identificada no imaginário social como responsável, sob a justificativa “dos atributos femininos” serem adequados para tais tarefas”. Sendo assim, a mulher cumprindo o papel de protagonista no cuidado, na responsabilidade da saúde da família, haja vista, que se não for a figura da mulher que cura, é ela geralmente a que leva até a benzedeira, parteira, médica e afins. A partir disso, o autor evidencia ainda que “[...] através dos estudos feministas, que estas visões são decorrentes das construções sócio histórico e econômicas das desigualdades entre os sexos nas relações sociais, presente historicamente nas opressões vigentes em uma sociedade patriarcal” (2018, p. 2).

O autor agrega ainda que nessa área há uma hierarquização determinada “[...] na valorização das atividades consideradas “tipicamente masculinas” e a desvalorização das atividades consideradas “tipicamente femininas”, a exemplo da tarefa de cuidar” (Montenegro, 2018, p. 3). Neste sentido, compreende-se que essas relações construídas

socialmente “define” o papel da mulher em sempre cuidar de alguém ou de algo, como a exemplo de Maria Pajé que através de seu dom auxiliava as mulheres, como também outros sujeitos.

Como fora mencionado acima, seu trabalho de parteira fora imprescindível para a saúde das mulheres nesse período, Dona Roseli reitera:

Eu tive duas filhas e um filho que ela cuidou, né. Eu tinha complicação durante a gestação, então ela fazia remédio, essas coisa. [...] ela fez dois partos meu, e no último foi no hospital, mas durante a gravidez ela que cuidou de mim. Ela foi uma boa parteira e o interessante que quando ela em si, a pessoa Maria Pajé, não dava conta, ela chamava alguma entidade dela para fazer o parto.

Percebe-se a importância dos serviços e da ajuda que Maria Pajé oferecia para a saúde dessas mulheres no processo de gestação e durante os trabalhos de parto de seus filhos, assim como no suporte, dentro de suas possibilidades, para atender essas mulheres mesmo quando não tinham condições de criar seus filhos, em um período como já fora mencionado de um fornecimento de serviço de saúde precário. Neste sentido, Dona Roseli relata como era a situação desse período: “ela era uma pessoa que ajudava muita gente, principalmente na época que não tinha hospital, só tinha um posto de saúde, onde só tinha duas enfermeiras. Então, quem fazia os partos eram as parteiras”.

Com o passar do tempo, observa-se que esses trabalhos são procurados com menos frequência devido, segundo a enfermeira Karla Silva, as ofertas de serviços de saúde que hoje são prestados pelo município. A mesma relata que estes serviços melhoraram de 16 anos pra cá, pois com o passar do tempo foram criadas novas Unidades de Saúde da Família (USF), contendo em todas as unidades médicos e enfermeiros que prestam assistência ao público em geral. Dentro destas unidades são oferecidos serviços como pré-natal, hiperdia (hipertensos e diabéticos), saúde da criança, coletas de preventivo, vacinas, consultas médicas, de enfermagem, serviços odontológicos entre outros serviços. O hospital municipal dispõe de maternidade, possui uma sala de parto, principalmente para parto normal conforme pontua a enfermeira. Em relação ao parto cesariano não se tem com frequência, pois não há cirurgia 24 horas, mas a enfermeira diz que acontece eventualmente quando se é agendada.

Em consequência disso, é pertinente ressaltar a importância dessa figura feminina para a população pirabense e demais locais no que se refere sua atuação através do seu dom de cura, de ajudar alguém a prosperar em seu empreendimento ou até no nascimento de uma pessoa, um alento, principalmente para as mulheres, pois era uma rede de apoio de afeto que acolhia, cuidava, adotava, aconselhava, pois de acordo com relatos sempre aparecia um avô

ou uma avó que levava uma jovem grávida e que não queria a criança e Maria Pajé aconselhava e acolhia essas mulheres. Quando essa situação ocorria, Dona Nazaré frisa que: “minha mãe dizia que iria ficar, dava conselhos que não podia abandonar seus netos e depois do parto as famílias vinham buscar as crianças”. Assim era Maria Pajé, mulher que cuidava, acolhia, prestava atenção e afeto a mulheres que se sentiam sós nesse mundo patriarcal que presta pouca atenção e acolhimento às mulheres, especialmente se forem de baixa renda e negras, afinal de contas vivemos num país racista e machista.

SÃO BENEDITO, SEU SANTO DE DEVOÇÃO E SEU ZELO PELA MARUJADA.

Segundo os autores Diego Tarcísio Matos de Sousa e Souza, Maria Marize Duarte e Rosinda da Silva Miranda (2015, p. 1089), a festividade de São Benedito também é conhecida como a festa da “Marujada”, que teve seu início datado a partir 1798 quando os senhores brancos atendendo ao pedido de seus escravizados, permitiram a organização de uma Irmandade e a primeira festa em louvor a São Benedito, que acontece todo ano no mês de dezembro na cidade de Bragança no interior do Estado do Pará.

Além disso, a autora Lucia Maria Barbosa Lira (2021, p. 410) afirma que “Essa festividade de fato, tem uma repercussão muito grande em honra ao Santo Negro e é uma celebração não só dos munícipes bragantinos, paraenses, mas também de todos os devotos de São Benedito”. Como a autora pontua “O município de Bragança, no estado do Pará, realiza uma grande festa em homenagem ao Glorioso São Benedito por mais de 200 anos” (2021, p. 409), festa esta que também faz parte da cultura de outras cidades do Estado do Pará, neste caso em especial, o município de São João de Pirabas.

A festividade de São Benedito em São João de Pirabas, no período que dona Maria Pajé passou a organizar o evento, era bastante prestigiada pela população local. Festa esta que tinha início a partir do dia 21 de dezembro e encerramento dia 26 de dezembro com a derrubada do mastro de São Benedito e possui dentro do festejo a dança da Marujada. Dona Nazaré conta que sua mãe Maria Pajé era uma mulher de fé, muito religiosa e devota de São Benedito, por isso possuía um amor profundo pela festividade e que trabalhava com muito empenho e dedicação para a realização desta.

Para a autora Gisele Carvalho (2010), a Marujada de São Benedito é composta pela dança, música, religião e outros aspectos presentes que envolvem o culto religioso a São Benedito, acompanhados da indumentária, o mastro, a imagem do santo entre outros atributos. A autora reitera ainda que a dança da Marujada é considerada patrimônio cultural imaterial,

uma vez que é transmitida de geração em geração, onde os dançantes se desdobram em louvor e devoção ao “santo preto” como é chamado por seus devotos.

Convém lembrar que Flaviana Serrão da Silva, conhecida como Maria Pajé, não é natural deste município, assim, o relato que Dona Nazaré conta é que quando sua mãe morava em outra cidade, quando criança, sonhava com uma blusa branca e uma saia vermelha, porém não sabia o significado do sonho. Depois de muito tempo, quando sua mãe chegou a São João de Pirabas pela primeira vez e soube que aqui tinha a Marujada. A mesma diz que:

Então quando ela chegou e viu, né, aquela blusa branca e saia vermelha aí que ela foi saber o que aquele sonho significava. Aí que ela, porque o sonho dela era um dia participar dessa dança. Aí ela começou a saber que era a marujada de São Benedito.

Ao retornar para sua cidade comunicou a sua família que queria morar na cidade de São João de Pirabas, pois “porque aonde o sonho dela tinha, da dança onde ela queria participar era Pirabas” como destaca Dona Nazaré. E assim, foi e participou do festejo e da dança. Porém, ainda não atuava como organizadora do evento. Dona Maria Pajé passou a organizar a festividade a partir de uma promessa que fez com São Benedito que se realizasse sua prece iria passar a coordenar a festa, e assim fez-se e cumpriu-se. Após sua graça ter sido alcançada, passou a tomar de conta do festejo. A figura abaixo é a fotografia de dona Maria Pajé vestida de maruja.

Figura 1 – Flaviana Serrão da Silva (Maria Pajé).



Fonte: Arquivo pessoal de Manoel da Silva Serrão.

Segundo Carvalho (2010), os marujos e marujas na dança da Marujada comemoram a graça alcançada intercedida por São Benedito. É muito comum, como forma de

agradecimento ao santo, as pessoas participarem da dança ou contribuindo de alguma forma com o festejo, como dona Rosa refere-se:

Até que minha sobrinha ela alcançou uma graça muito grande, ela nasceu com um problema, a mãe dela teve um AVC e ela já nasceu com um problema. E ela fez uma promessa com ela que a menina era pra dançar durante ela for viva, dançasse na Marujada pra ela ser curada, e ela foi curada.

Neste sentido, a autora Lucia Lira cita o espírita Francisco Cândido Xavier:

Xavier explica que, através da prece, o homem pode obter a graça que suplicou, pois, forças invisíveis para a obtenção de uma graça são conseguidas através da intercessão, que é uma manifestação da espiritualidade, dando como exemplo as árvores venerandas que protegem as pequenas, pela própria natureza física. Fazer da oração, da súplica, da penitência, dos jejuns, da adoração a Deus, através do culto aos santos, tornou-se uma das práticas mais comuns da religião católica brasileira (Lira, 2021, p. 397).

É muito comum as pessoas fazerem promessas para obterem uma graça ou um milagre. E com Maria Pajé não foi diferente. Após sua graça alcançada, passou a tomar de conta do festejo e o fazia com muito orgulho, como discorre Nazaré, onde afirma que sua mãe tinha muito amor pela festividade: “A festividade de São Benedito pra minha mãe era de muito orgulho, dava muita gente, era muito lindo”. Seguindo, a informante reitera que a festa como um todo era bem organizada e começava dia 21 de dezembro a 26 de dezembro. O festejo era realizado em sua residência, logo depois, com a ajuda de patrocínios conseguiu erguer um barracão de palha e posteriormente construiu de alvenaria.

Maria Pajé era incansável na preparação do festejo como um todo, viajava para contratar músicos para o carimbó, buscava patrocínios, enfeitava o barracão onde ocorria o festejo, e até tirava dinheiro próprio para ajudar na festa. Tudo isso para fazer uma festa bonita que agradasse o público, principalmente, em relação à marujada. Conforme dona Nazaré enfatiza:

Eu via o jeito dela de fazer a marujada, ela chegava, quando chegava o décimo ela comprava as roupas para enfeitar a marujada, as meninas dela, que ela queria fazer uma marujada bonita que como ela dizia que as pessoas saiam de sua casa para ver um festejo bonito e não ver defeitos.

Dentro da festividade está contida a marujada, que conforme Lira (2021, p. 410), “É um ritual simbólico da construção da identidade das mulheres devotas que homenageiam o

Santo dançando durante os festejos”. De acordo com esta informação os autores Souza, Duarte e Miranda (2015, p. 1091) ratificam que,

A marujada é o ato simbólico de louvação a São Benedito muito forte que reúne cores e ritmos. Considera-se marujada a reunião de marujos e marujas através de instrumentos musicais que entoam canções proporcionando a tradição da dança da marujada, ou simplesmente, Marujada. Durante a festividade no mês de Dezembro acontecem os ensaios onde os mais jovens aprendem com os mais velhos, os passos da dança os tipos de ritmos e a tocar os instrumentos musicais e todo o rito dessa celebração.

Outro ponto importante são as vestes dos marujos e marujas, dessa forma os autores supracitados complementam:

No dia 25 em comemoração ao nascimento de Jesus, os marujos se vestem com calça branca e camisa azul (cor do menino Jesus) e chapéu forrado com tecido branco. As marujas se vestem com blusas brancas de cambraia bordada e saia comprida azul. No dia 26 que se comemora o dia de São Bendito, ambos se vestem com os mesmo modelos de roupas só mudando a cor onde era azul se substitui por vermelho carmim (cor de São Bendito). Um acessório muito importante para as marujas é o chapéu, este é forrado de tecido dourado com as laterais bordadas em paetês e pedras brilhosas e na parte de cima aplica-se pena de pato que são preparadas para que fiquem bem branquinhas, na parte traseira são coladas doze fitas coloridas sendo que uma tem que ser preta que é a cor do santo preto. Elas utilizam também vários colares de pérolas, brincos pulseiras nas cores, azul ou vermelho, acompanhados do branco, conforme o dia. (Souza; Duarte; Miranda, 2015, p. 1092).

Na cidade era muito esperada a festividade, pois a população, de fato, prestigiava a apresentação dos marujos e marujas, e ao terminar as apresentações o barracão era liberado para as pessoas dançarem, incluindo crianças, jovens e idosos. A diversão contagiava a todos os públicos. O festejo de São Benedito possui roteiro, então, tudo era bem organizado, como a ladainha e o almoço, por exemplo. O almoço era outro evento importante, realizado no dia 26, onde reunia todos os brincantes e a comunidade local, todas as pessoas presentes participavam do banquete, principalmente a crianças, haja vista que dona Maria Pajé gostava muito delas, pois segundo relato de Dona Nazaré, Maria Pajé dizia que as crianças eram o futuro e por isso deveriam ser bem cuidadas.

No que tange o festejo, Dona Maria Pajé possuía bastante colaboradores, pois o evento tinha muitos gastos, e tudo o que era arrecadado dirigia-se para as despesas da festa, nada era para ela, mas para todos. Conforme discorre, dona Nazaré:

Seu Fernando foi um que ajudava no almoço, dava o boi (risos). Seu Carneiro ajudava também. Ah, e o dinheiro da marujada não era pra ela, era pra todo mundo. Ajudava todo mundo, pagava tudo direitinho. E minha mãe não tinha vergonha de pedir e o pessoal ajudava.

A festa era realizada por Maria Pajé com muito apreço e devoção ao Santo. Após sua morte em 2003, a tradição fora se perdendo aos poucos, outros passaram a assumir a festividade de São Benedito, todavia não era como antes, de acordo com os relatos. Hoje, são poucos brincantes que participam e a população, no geral, não é tão participativa. Percebe-se que a festividade em si está ficando cada vez menos prestigiada e valorizada pelos pirabenses. Carvalho (2010) salienta que restabelecer ou fortalecer a identidade coletiva é um desafio da contemporaneidade, onde o turismo assume um papel primordial na recuperação da memória, do reconhecimento e na apreciação da diversidade cultural.

Nos tempos atuais a festividade é realizada em outro espaço, porém seu neto Luís Serrão organiza o festejo de São Benedito em homenagem a sua avó para dar seguimento à tradição de Maria Pajé. Segundo seu neto, apesar de todos os desafios enfrentados para a organização, realiza o almoço, pois o almoço era uma grande alegria da sua avó, onde gostava de ver as pessoas felizes e se divertindo. O espaço onde é feito a homenagem no dia 26 de dezembro se chama “Casa de Cultura Maria Pajé”, lugar este onde era a morada de dona Maria Pajé que está repleto de desenhos nas paredes referentes à festividade de São Benedito.

MARIA PAJÉ E A POLÍTICA

Maria Pajé fez amizades, ao longo dos anos, com diversos políticos e comerciantes da cidade. Estes citados a procuravam em busca de seus trabalhos, através da realização de banhos e rezas, para que seus negócios ou sua vida política prosperassem. O ex-prefeito da época, João Bosco Rufino Moisés (2000-2008), fora uma figura fundamental na cidade, este por sua vez era amigo de Maria pajé e recorria até ela por conta da sua religiosidade, assim como também buscava apoio político, já que a mesma era bem influente nesta cidade por seus dons e seu envolvimento na festividade de São Benedito. A imagem abaixo retrata a proximidade dos mesmos.

Figura 2 – Maria Pajé e João Bosco Rufino Moisés.



Fonte: Acervo pessoal de Luiz Serrão. Neto de Maria Pajé.

Dona Nazaré complementa: “o seu Bosco era muito amigo dela. Ela pedia ajuda para ele e ele retribuía. Como eu disse, ela ajudou muita gente, como na hora de um parto, por exemplo, tinha que ter muita confiança para se entregar”.

Dona Roseli também relata:

Ela tinha uma relação com as “autoridades” porque como ela era pajé, então, os políticos de Pirabas, na época de eleição, eles iam com ela pra ela fazer uma reza, firmar ponto. Ela fazia os trabalhos e dizia ‘olha, não está bacana desse jeito’, ela ajudava os políticos dessa forma e de outras maneiras. Ela conseguia votos para eles. Ela tinha relação com quase todos os políticos, até porque Pirabas é pequeno, né. Ela recebia muita doação, seu Carneiro (finado e comerciante) cansou de mandar boi para esse dia do festejo [...]. Aí eles ajudavam porque eles também iam lá e dizia ‘olha meu comércio está fraco, faça um banho’ então ela tratava desse povo. Se ela dissesse ‘olha, da pra você me dá isso? Ninguém dizia, não. Só falava pra ela qual era a dia e todo mundo ajudava.

O irônico dessas relações é que Maria Pajé, uma figura que cuidava da saúde de muitas pessoas, justamente pela falta de assistência adequada de saúde pública, conforme alguns relatos, ainda assim, era usada como apoiadora política em períodos de eleição e como uma pessoa que parecia ser um complemento na saúde pública do município através dos seus “dons de cura”, também sendo vista como alguém que muitas vezes tomava decisões com o prefeito.

A proximidade de Maria Pajé com o prefeito da cidade era tão forte que juntos escolheram e colocaram as imagens das entidades na Praia do Castelo, onde acontece a festa que faz parte da tradição do município de São João de Pirabas, a festividade do Rei Sabá, que ocorre dia 20 de janeiro. Veras (2021, p. 10/11) destaca que Maria Pajé “Auxiliou o prefeito na escolha das entidades que teriam suas imagens construídas e transformadas em monumento na ilha da Fortaleza. Ela quem dera *o fundamento* para que a obra fosse feita de acordo com a religião”. Dessa forma, o autor descreve que:

Bosco Moisés, então prefeito na época, por perceber na festividade de Rei Sabá como o evento que mais movimentava a cidade, trazendo várias pessoas de fora do município, consultou os búzios com a Maria Pajé, indagando como poderia fazer com que Rei Sabá se agradasse novamente e retornasse. Assim, foi autorizado para ele fazer as modificações na região, acrescentando a base no Rei Sabá e a construção das imagens de Zé Raimundo, Iemanjá, Cabocla Mariana e Tóia Jarina. (Veras, 2021, p. 5).

Ou seja, Maria Pajé acabou se tornando uma figura política também. A citada festividade acontece todos os anos nos dias 19 e 20 de Janeiro, onde é prestigiada pela população local, e é no dia 20 de janeiro que afros religiosos, a comunidade local e pessoas de outras cidades e de outras regiões, embarcam rumo à praia, seja para assistir e/ou participar das celebrações, seja para aproveitar a praia ou as atrações que a prefeitura promove, uma vez que atrai muitos turistas para este evento que faz parte da cultura de São João de Pirabas. Como enfatiza o autor:

Para a prefeitura, Rei Sabá, seu culto e as religiões da encantaria fazem parte da cultura porque conformam uma tradição que dura há dezenas de anos ou mesmo século. Mobiliza a população da cidade e atrai públicos de fora. Portanto, faz parte da cultura local e proporciona turismo para uma região que é famosa por suas praias e balneários[...] (Veras, 2021, p. 14/15).

Como Maria Pajé era bem afamada na cidade, fora convidada duas vezes para ser candidata à vereadora, na primeira ocasião conseguiu se candidatar, contudo perdera a eleição. Na segunda vez, não deu tempo de se candidatar, pois faleceu. Desse modo, cabe dizer que Maria Pajé, através de suas ações, fora uma figura extremamente fundamental para a cidade de São João de Pirabas. Ainda na gestão do prefeito João Bosco Rufino Moisés (2000-2008), o mesmo homenageou colocando seu nome ao Centro Cultural e Desportivo Maria Pajé, que fica localizado na orla da cidade.

Neste centro havia uma placa explicando um pouco sobre sua trajetória, no entanto, não existe mais. O autor Hermes Veras (2021, p. 11) menciona:

Flaviana Serrão da Silva, “Maria Pajé”. Como era conhecida por nossa sociedade. Nasceu em Igarapé Miri, em 24 de janeiro de 1929. Adotou São João de Pirabas como sua pátria. Quando ainda era uma vila de Primavera. Destacou-se como amante da cultura popular. Tendo fundado grupo de marujada de São Benedito. Além de se voltar para outras atividades folclóricas, como o carimbó. Seu trabalho incentivou a juventude a também se interessar pela cultura popular regional, proporcionando a divulgação de São João de Pirabas através das artes. “Maria Pajé” faleceu em 20 de setembro de 2003, em São João de Pirabas, onde permaneceu pelos últimos 42 anos de vida. Empréstimo seu nome a este espaço cultural e desportivo é a homenagem post mortem que a sociedade lhe presta, em reconhecimento ao seu amor pelo município.

Outra forma de homenageá-la fora com o nome de uma rua localizada em um bairro do município, no bairro da Piracema, chamada de Rua: Maria Pajé. Isso demonstra que mesmo diante da falta de política pública de saúde adequada naquele momento, com certa invisibilização por ser mulher e com o racismo perpetrado contra manifestações de matriz africana, Maria Pajé teve reconhecimento como figura pública e que se tornou representativa como patrimônio da cidade, porém um tanto esquecida na atualidade justamente por causa da invisibilização às figuras femininas e racismos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a partir deste estudo pode-se entender o quanto a figura de Maria Pajé fora imprescindível para a cidade de São João de Pirabas, tendo em vista todos os trabalhos que desempenhara enquanto residira neste município que foram de suma importância e que fez com que se tornasse a figura central desta pesquisa. Abordar seus trabalhos nos mais variados aspectos permite visibilizar a figura de uma mulher que fora protagonista dos seus feitos, através do seu “dom de cura” e de sua mobilização em torno da festividade de São Benedito, pela qual desenvolvera com tanto zelo e dedicação.

Dessa forma, analisar e compreender suas ações através deste artigo possibilita posicionar a história de uma mulher como personagem principal do seu espaço, através da sua atuação perante a sociedade, para que mais mulheres percebam que a história do seu cotidiano é significativa para o grupo social a qual está inserida. Diante deste cenário, as histórias das mulheres estão sendo escritas e visibilizadas cada vez mais depois de muita luta como acentua Michelle Perrot (2005) as mulheres são protagonistas e beneficiárias deste esforço, onde suas histórias, suas publicações multiplicam-se se tornando visíveis como um ato de justiça. Perrot (2005, p. 26) reitera ainda que “A história das mulheres também não mudou muito o lugar ou a “condição” destas mulheres. No entanto, permite compreendê-las melhor”.

Assim, destacar os trabalhos de Maria Pajé suscitou um estudo acerca da conjuntura que envolve a pajelança, pois a mesma mobilizava essas práticas para auxiliar uma população que necessitava de curas físicas, espirituais e demais serviços, em virtude que nesta cidade não havia infraestrutura suficiente que atendesse a comunidade em geral. Dessa maneira, entender como essas práticas são executadas, a partir destas referências aqui utilizadas, viabiliza que o leitor entre nesse campo de conhecimento e descubra a importância destas práticas populares da pajelança cabocla da Amazônia.

Outro ponto relevante é a questão da Marujada de São Benedito no setor cultural em São João de Pirabas durante atuação de Maria Pajé como organizadora deste evento. Pois, durante a existência desta, a cultura da festividade de São Benedito e da Marujada era significativa e prestigiada, contudo, na contemporaneidade a situação se manifesta de forma diferente, depois de sua morte. O cenário atual no que diz respeito à cultura é catastrófico, visto que a tradição do festejo de São Benedito e da Marujada se perdera, caindo na desvalorização e no esquecimento de uma parte da população.

Destarte, este artigo apresenta o protagonismo e as suas múltiplas facetas que Maria Pajé se empenhara e desenvolvera nesta localidade. Nessa perspectiva, ressaltar as suas vivências e experiências torna-se fundamental para que seu legado seja lembrado para assim ser valorizado, afim de que essas memórias não caiam no esquecimento e que essa figura emblemática seja reconhecida a partir de suas mobilizações culturais e sociais. Logo, a escrita deste trabalho possibilita ser utilizada para futuras pesquisas, uma vez que se observa a ausência de registros escritos sobre a mesma no município e em outros lugares, assim como a nova geração pouco conhece o importante trabalho feito por Maria Pajé.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, João Bosco; COSTA, Hideraldo Lima da. Pajé: reconstrução e sobrevivência. **História, Ciências, Saúde- Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 927-56, out.-dez. 2006.

CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A festa do “Santo Preto”**: tradição e percepção da Marujada Bragantina. 2010. Dissertação (mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010.

CAVALCANTE, Patrícia Carvalho. **De “nascença” ou de “simpatia”**: iniciação, hierarquia e atribuições dos mestres na pajelança marajoara. 2008. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

ENDL, Jordana Appel; GIRARDI, Milena Hass; MOURA, Patrícia Borges. A MULHER-MÃE A PARTIR DOS DISPOSITIVOS AMOROSO E MATERNO EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 1-5, out. 2021.

FARO, Mayra Cristina Silva. Mulher, cura e pajelança em Soure (Ilha do Marajó-PA). **Anais dos Simpósios da ABHR**, [S. l.], v. 13, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da. **Teoria da história**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LIRA, Lucia Maria Barbosa. AS CIDADES AMAZÔNICAS E A DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO. **REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**, Volume II, n. 2, p. 394-424, jul-dez, 2021.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 259-274, 2005.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia. In: ALVES, Paulo Cesar; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (orgs.). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

MONTENEGRO, Rosiran Carvalho de Freitas. MULHERES E CUIDADO: RESPONSABILIZAÇÃO, SOBRECARGA E ADOECIMENTO. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1 n. 1, 2018.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica; VILLACORTA, Gisela Macambira. Matintapereras e pajés: gênero, corpo e cura na pajelança amazônica (Itapuá/PA). In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 24. 2000. Belém, PA. Anais GT11 - Pessoa, Corpo e Doença - Sessão 3, Doença, Gênero e Diferença Social.

NESPOLI, Grasielle; LOPES, Márcia Cavalcanti Raposo. O cuidado em saúde. In: BORNSTEIN, Vera Joana et al (Org.). **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde: textos de apoio**. Rio de Janeiro: EPSJV, p. 149-158, 2016.

NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; MORAES, Jéssica Valério. Práticas Populares de Saúde e a Saúde da Mulher. **Revista de APS**, [S. l.], v. 13, n. 4, 2010.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: Anpuh, v. 9, n.19, p. 219-243, set. 1989.

SOUZA, Diego Tarcísio Matos de Sousa e; DUARTE, Maria Marize; MIRANDA, Rosinda da Silva. RELIGIOSIDADE, EXPERIÊNCIAS E SABERES: EVIDENCIADOS NA FESTA DA MARUJADA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO EM BRAGANÇA PARÁ. **Anais dos Simpósios da ABHR**, [S. l.], v. 14, 2015.

VERAS, Hermes de Sousa. O santo e o encantado: a procissão afro umbandista para São Sebastião em São João de Pirabas. **Revista de Antropologia**, v. 64, n. 3, 18 p., 2021.